
CONTABILIDADE E O IMAGINÁRIO POPULAR: CONTANDO VERSOS NA LITERATURA DE CORDEL

ACCOUNTING AND THE POPULAR IMAGERY: COUNTING VERSES IN THE CORDEL LITERATURE

Luiz Carlos Marques dos Anjos

Contador; Especialista em Auditoria e Perícia Contábil; Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Daniel José Cardoso da Silva

Contador; Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal de Pernambuco; Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
E-mail: daniel@consultorcontabil.com

Recebido: 23/03/2010 Aprovado: 08/09/2011
Publicado: 20/02/2012

José Francisco Ribeiro Filho

Contador; Doutor em Contabilidade e Controladoria pela Universidade de São Paulo (FEA / USP). Coordenador e Professor do Programa de Pós Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);
Endereço: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Contábeis, Av. dos Funcionários, s/n, 1º andar, Sala E-07, CEP 50740-580, Cidade Universitária, Recife – PE.
E-mail: francisco.ribeiro@ufpe.br

Jorge Expedito Gusmão Lopes

Ph.D.; Professor do Programa de Pós Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);
Endereço: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Contábeis, Av. dos Funcionários, s/n, 1º andar, Sala E-07, CEP 50740-580, Cidade Universitária, Recife – PE.
E-mail: jlopes@ufpe.br

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar e evidenciar como o imaginário popular revela sua percepção sobre a Contabilidade através da literatura de cordel, possibilitando assim sua utilização para o ensino das Ciências Contábeis. O banco de dados utilizado foi o encontrado no *site* da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e foi composto pelos 42 cordéis disponíveis ao acesso público no mês de junho de 2008. Buscou-se identificar, em um primeiro momento, palavras presentes nas obras pesquisadas, que constassem em um dicionário de terminologias utilizadas na área contábil. Em seguida partiu-se para uma análise mais abrangente, onde se investigou a percepção de Contabilidade do imaginário popular, imbricada nos contextos das sextilhas. A análise dos resultados traz contribuições de como e em que disciplinas poderiam ser utilizadas as respostas encontradas na investigação. Concluiu-se que uma abordagem crítica, concebida a partir de conhecimentos tácitos relacionados à cultura local, para educação em Contabilidade ajudará a nutrir habilidades genéricas vitais para motivação pessoal, auto-estima e potencialização da capacidade de assimilar novos conhecimentos.

Palavras-chave: Docência em Contabilidade; Imaginário popular; Literatura de Cordel.

ABSTRACT

This research had as objective to investigate and disclosure how the popular imaginary reveals its perception about the accounting through the pamphlet literature, making possible then its use for the teaching of the accounting sciences. The used database was found at the Brazilian Academy of Pamphlet literature (ABLC) site and it was composed by all the 42 books of free access to the public during june of 2008. It was looked for to identify in a first moment the accounting terms present in the researched literatures, comparing with a accounting dictionary. Afterwards it became more including, where the perception of accounting of the imaginary popular inside the contexts was investigated. The results analysis brings contributions of how and in which subjects the found answers can be used. It was concluded that a critical approaches born from tacit knowledge related to the local culture, for education in accounting will help to nurture vital generic abilities for personal motivation, self-esteem and potentialization of the capacity of assimilating new knowledge.

Keywords: Accounting teaching; Popular Imaginary; Pamphlet Literature.

1. INTRODUÇÃO

Aparentemente poderia se imaginar que a Contabilidade só interessaria aos usuários diretos das suas demonstrações financeiras, como o fisco, os empresários, os investidores entre outros *stakeholders*. Porém uma ciência milenar como é a contábil, não poderia passar despercebida aos olhos da sociedade, mesmo que essa percepção seja intuitiva e não proposital. No dia a dia do cidadão comum, sua vida é impactada direta ou indiretamente pelas técnicas, pelos atos e fatos contábeis, pelo contato com funções afins aos contadores, além de diversos outros interesses. Obviamente essa exposição pode criar dentro de cada indivíduo uma impressão sobre o profissional de Contabilidade ou até em última análise sobre a própria ciência. SÁ (1997) revela que no império romano, no governo de Marco Aurélio (121-180) o contador era o homem mais bem remunerado da administração pública, além de ser o maior gestor da riqueza de Roma. Há incontáveis exemplos da presença da Contabilidade espalhados por toda a História das Civilizações. Alguns positivos, como no caso do contador romano, outros negativos, como ocorrido com os contadores alemães que durante a II Guerra Mundial, conforme revelam Lippman e Wilson (2007) e Riccio e Sakata (2008), usaram as técnicas contábeis para abastecer Hitler e seus comandados de informações e controles para a dominação nazista. E após tantos eventos qual seria o saldo da Contabilidade dentro da conta de resultado do ideário popular? Credor? Devedor?

Pode-se dizer que para a região Nordeste do Brasil, a literatura de Cordel é um legítimo representante das impressões, dos anseios, dos valores daqueles que ali residem. Embora a inspiração tenha vindo dos livrinhos impressos em papel de baixa qualidade e vendidos expostos em cordas, os conhecidos folhetos adquiriram identidade própria no Brasil sendo meio de disseminação da cultura nordestina e um mecanismo ágil e de baixo custo para divulgação de todo tipo de informação, notadamente entre as camadas mais baixas da sociedade. Atualmente já é possível encontrar a literatura cordelista e seus entusiastas na grande rede mundial de computadores, ou seja, as feiras livres e praças agora podem ser em qualquer parte do planeta. Isto posto, deduz-se que o Cordel pode ser considerado um bom parâmetro para aferição do imaginário popular. Portanto, é na literatura de cordéis que esta pesquisa se debruçará na tentativa de identificar a percepção da Contabilidade que está presente no imaginário das pessoas, revelando o juízo de valor de uma parte da sociedade para com a ciência.

O propósito desta investigação não é apenas a constatação pura e simples de evidências da Contabilidade no imaginário social. Abre-se com esta pesquisa, mais uma perspectiva para o apoio à educação contábil, seguindo o que segundo James (2007), seria aprender fora do ciclo, partindo-se do

pressuposto de que o ensino de Contabilidade não pode se resumir a técnicas, procedimentos, leis, normas ou regulamentos, mas posicionar os estudantes como que embutidos em forças e movimentos locais, nacionais e globais, criando conexões entre a realidade e o conteúdo, desenvolvendo as habilidades do educando para engajar em trabalho criativo e crítico orientado para o futuro.

Diante do exposto tem-se a seguinte questão problema: **estaria o imaginário popular explicitando sua percepção sobre a Contabilidade através da literatura de cordel, revelando-se assim um meio útil para a docência em cursos de Ciências Contábeis?**

Para responder ao problema levantado, estabeleceu-se como objetivo geral: investigar e evidenciar como o imaginário popular revela sua percepção sobre a Contabilidade através da literatura de cordel, possibilitando assim sua utilização para o ensino das Ciências Contábeis.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O Imaginário

Conforme celebrizado por Descartes, em *Discours de la Méthode* (1637), no “pensar” (Cogito, ergo sum), pode-se encontrar a essência diferenciadora do ser humano para com os demais seres viventes. Tem cabido ao homem o papel de agente crítico e transformador da natureza, inclusive a psicologia fenomenológica aponta que o mundo não é dado, porém construído. Seria, portanto, o ato perceptivo uma função de grande complexidade pois não seria restrito à mera identificação da realidade, mas também compreenderia a atribuição de valor e significado ao fenômeno.

Este artigo pretende explorar o tema “imaginário”, porém antes de adentrar em mares tão revoltos será importante aportar em alguns conceitos que fornecerão “gadgets” à trajetória desta pesquisa. Por exemplo: o que seria “real”? Os professores Laplantine e Trindade (1997) tentam definir da seguinte maneira: “O real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. “O real existe a partir das idéias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida”. Percebe-se que as concepções particulares de cada indivíduo terão papel importante na construção desse dito “real”, entretanto ainda se pode questionar: o que seriam as “idéias”? Novamente recorreremos aos mesmos mestres que assim definem: “As idéias são representações mentais de coisas concretas ou abstratas. Essas representações nem sempre são símbolos, pois como as imagens podem ser apenas sinais ou signos de referência, as representações aparecem referidas aos dados concretos da realidade percebida.”

Nota-se que será preciso explorar mais algumas definições para que se possa prosseguir rumo ao imaginário. Dessa forma, o que seriam imagens? Como também: o que seriam símbolos? Respondendo aos questionamentos encontra-se em Laplantine e Trindade (1997): “Imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores.” Recorrendo ao dicionário Houaiss (2007) se encontram, entre outras, duas definições para símbolo: “aquilo que, por um princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo” ou também “aquilo que, por pura convenção, representa ou substitui outra coisa”.

Abstrai-se, portanto, que em ambos os casos, tanto a imagem como o símbolo, são representações. Não dizendo com isso que são meras substituições, mas, antes, reapresentações do objeto observado de outra forma. Sendo assim o observador estaria atribuindo significados diferentes, que seriam influenciados na sua elaboração pela relação social ou contexto em que a representação, seja como imagem ou como símbolo, irão atuar. A partir dessas considerações teóricas iniciais, pode-se retomar a caminhada rumo ao imaginário.

Augras (1982), afirma: “ O imaginário está no âmago de todas as criações do homem, desde o pensamento científico até a simples percepção do mundo”. Ainda falando do tema a autora traz que o cotidiano e o imaginário, estão fortemente embricados, constituindo-se em dimensões complementares da existência humana. Os professores Laplatine e Trindade (1997, p. 8), falando do imaginário, esclarecem: “O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação, à medida que ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva.”

Pode-se inferir que as imagens que cada indivíduo carrega consigo são, em última análise, a sua própria visão de mundo que foi sendo sedimentada pelas informações obtidas em experiências anteriores. Percebe-se então que a riqueza desta construção é incomensurável principalmente se ela é coletiva.

Nota-se que será preciso explorar mais algumas definições para que se possa prosseguir rumo ao imaginário. Dessa forma, o que seriam imagens? Como também: o que seriam símbolos? Respondendo aos questionamentos encontra-se em Laplatine e Trindade (1997): “Imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores.” Recorrendo ao dicionário Houaiss (2007) se encontram, entre outras, duas definições para símbolo: “aquilo que, por um princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo” ou também “aquilo que, por pura convenção, representa ou substitui outra coisa”.

Abstrai-se, portanto, que em ambos os casos, tanto a imagem como o símbolo, são representações. Não dizendo com isso que são meras substituições, mas, antes, rerepresentações do objeto observado de outra forma. Sendo assim o observador estaria atribuindo significados diferentes, que seriam influenciados na sua elaboração pela relação social ou contexto em que a representação, seja como imagem ou como símbolo, irão atuar. A partir dessas considerações teóricas iniciais, pode-se retomar a caminhada rumo ao imaginário.

Augras (1982), afirma: “ *O imaginário está no âmago de todas as criações do homem, desde o pensamento científico até a simples percepção do mundo*”. Ainda falando do tema a autora traz que o cotidiano e o imaginário, estão fortemente embricados, constituindo-se em dimensões complementares da existência humana. Os professores Laplatine e Trindade (1997, p. 8), falando do imaginário, esclarecem: “O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação, à medida que ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva.”

Pode-se inferir que as imagens que cada indivíduo carrega consigo são, em última análise, a sua própria visão de mundo que foi sendo sedimentada pelas informações obtidas em experiências anteriores. Percebe-se então que a riqueza desta construção é incomensurável principalmente se ela é coletiva.

2.2 O imaginário versus o pensamento científico

Segundo Laplatine e Trindade (1997), a dicotomia entre objetividade e subjetividade, parece ser a representação dos dias atuais. Por um lado a razão, por outro a paixão. Explicam os autores que, aparentemente, estão em campos diametralmente opostos o imaginário e a ciência. Ressaltam que, à primeira vista, no imaginário estarão: a fantasia, a ilusão, o prazer, a fuga do real. Seguindo o mesmo raciocínio, observam que na ciência estaria a racionalidade a qual, com muito esforço, produziria as verdades que abarcariam a realidade, promovendo a aderência ao mundo propriamente dito. Lembram aqueles escritores, que essa visão positivista de ciência não é unanimidade entre os estudiosos contemporâneos e vão mais além tentando abordar o papel da imagem e do imaginário no próprio processo científico, pois segundo os dois estudiosos argumentam, muitas das invenções antes de serem efetivamente

construídas foram imaginadas por escritores ou poetas. Dessa maneira, afirmam que o processo científico, assim como o literário, tende a experimentar os diversos pontos de vista com diferentes análises e abordagens promovendo a evolução da ciência. Revelam também que, nessa variação ou invenção de variações novas — chamadas de hipóteses, que devem ser confirmadas ou negadas pelos fatos — estaria a diferença do pesquisador científico, para aquele técnico que se limita a aplicar resultados das pesquisas e a partir daí executar repetidamente as operações. Portanto, pode-se intuitivamente associar (já se utilizando de uma imagem) a figura do cientista com a do artista, quando se leva em conta o “fazer” da produção científica conforme descrevem Laplantine e Trindade (1997):

A ciência como a arte, aliás, não busca copiar a realidade e descrever o mundo tal como é, mas elaborar sistemas simbólicos para apreciá-lo. Ela não é uma atividade de reprodução do real, quer dizer a imitação de algo que seria anterior ou exterior ao próprio ato da descoberta, mas da produção de experiências que serão organizadas e reunidas, compostas e recompostas em um texto (por exemplo, um artigo em uma revista científica) que ele mesmo organiza a partir de outros textos.

2.3 O ensino da Contabilidade

Para que se possa iniciar uma discussão sobre processo educacional se faz necessário alinhar e discutir alguns conceitos basilares à prática educativa - crítica. Freire (2002, p. 12) afirma que ensinar não é transmitir conhecimento, mas gerar um ambiente capaz de sua produção ou construção. Dessa forma entende-se que não existe a docência se não houver discentes. A formação do educando deve ser permanente e não pontual. O mesmo autor conclui seu pensamento afirmando que “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao formado”.

Freire (1987, p. 33) discute que as relações educador-educandos, tanto dentro como fora da escola, têm sido de caráter fundamentalmente narrador, ou seja, implica em dois sujeitos: o narrador, figura que detém o poder (conhecimento) e o transmite de forma dissertativa; e o receptor (educando) que acaba se tornando um agente passivo e termina por obter um conteúdo petrificado, pois a ausência da discussão crítica distorce as percepções de seus valores ou de suas dimensões concretas sobre a realidade. Muitas vezes esses conteúdos estão desconectados da totalidade em que são concebidos, logo sua abordagem se torna alienada e alienante.

O processo educacional humano, ainda segundo Freire (1987, p. 42), parte do princípio da consciência do homem de sua inconclusão, isto é, o homem como ser racional tem ciência de sua historicidade e acaba por reconhecer a necessidade de mudança e constante evolução, logo a educação é condição basilar no processo dinâmico de seu crescimento e progresso.

Admitindo a educação como um processo dinâmico, há de se observar que o trabalho quando desenvolvido em grupo e através de diálogos que motivam uma discussão crítica possibilitará desenvolver no educando, dentre outros: habilidades interpessoais, conhecimento do conteúdo, maior nível de sua habilidade de raciocínio e potencialização da sua satisfação dentro do processo. (SMITH e SPINDLE, 2007)

Freire (1987; p. 45) faz uma abordagem humana sobre a importância de um processo educativo dialogal:

... o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples trocas das idéias a serem consumidas pelos permutantes.

Ao evidenciar essa sua inquietude o autor sugere a não possibilidade de uma educação acomodada, onde o educador não permite a discussão por temer uma superação filosófica de alguém que deveria apenas receber e admitir como verdade todo o conteúdo apresentado, oprimindo assim a capacidade crítica que a educação poderia desenvolver no outro. Por outro lado, o educando (até mesmo pelo fato da sociedade capitalista adotar um modelo educacional que o adestre assim) adota uma posição cômoda, onde necessita apenas repetir o pensamento apresentado pelo educador para que possa alcançar o grau para sua aprovação, logo entende o tempo como um peso a ser carregado, como uma estratificação de experiências passadas e que força o presente a ser algo normalizado e bem comportado.

James (2007) desenvolve uma pesquisa onde aplica a Teoria Crítica e um enfoque pós-modernista no processo de ensino de Teoria da Contabilidade. O autor evidencia em sua pesquisa que o capitalismo alterou o objetivo da educação, que agora se traduz em atender as necessidades imediatas dos negócios. Nesse estudo o autor demonstra que a utilização da teoria crítica no processo educacional é fomentar a consciência cívica e habilidades genéricas dos educandos, isso devido ao fato de que muitos dos estudantes de Ciências Contábeis que enfileiram as cadeiras das salas de aula, não irão nunca em suas vidas trabalhar com Contabilidade. James (2007) afirma que a situação contemporânea influencia a educação secundária e superior onde a maioria das questões são freqüentemente despolitizadas, sufocando a crítica e o debate intelectual necessário, esse debate reforça a visão marxista de que a educação é usada para servir aos interesses da classe capitalista e formar trabalhadores passivos e subservientes.

Essa constatação pode ser identificada não apenas na investigação acima citada, mas também na grande maioria dos cursos profissionalizantes ou complementares de Contabilidade. Profissionais sem qualificação universitária são contratados por empresas e escritórios e como consequência por cursos para ensinar sobre técnicas e procedimentos contábeis. Tal discussão pode ser vista nos estudos de Pereira *et al* (2005), Peleias *et al* (2007), Mulatinho (2007) e Cabello *et al* (2002). A educação contábil, segundo James (2007), não pode ser resumida à técnicas, procedimentos, leis, normas ou regulamentos, mas posicionar os estudantes como que inseridos em forças e movimentos locais, nacionais e globais, criando conexões entre a realidade e o conteúdo, desenvolvendo as habilidades do educando para engajar em trabalho criativo e crítico orientado para o futuro.

Lehman e Herring (2003) ao desenvolverem seus estudos sobre o ensino dos princípios contábeis através da educação à distância, evidenciam que atividades interativas e com retorno imediato aumentam a aquisição e retenção de informação. Os autores descrevem ainda que a aplicação de atividades interativas, mesmo em cursos presenciais e em atividades extra sala de aula, potencializa o raciocínio crítico e o nível de retenção de aprendizagem. A conclusão dos autores corrobora o discurso de Freire (1987), pois um processo de aprendizagem dialogal não deve ser mantido apenas em sala de aula, mas a todo o tempo.

Freire (2002, p. 18) inicia uma discussão sobre o raciocínio crítico sobre a prática profissional. O autor afirma que apenas através de uma discussão crítica entre as práticas passadas e as atuais é que se pode evoluir nesse aspecto. O fato de inserir nessa análise pessoas que ainda estão em formação pode trazer várias contribuições, no sentido que esses indivíduos não estariam contaminados pelas práticas e costumes usualmente aplicados. Pode-se entender isso no momento que o autor expõe o fator emocional como um dos principais fundamentos motivadores para aderência a pólos dentro das discussões. Entretanto o texto concorre para o entendimento de que “a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros”.

A identidade cultural de que fazem parte não só os indivíduos, mas também toda a classe de educandos deve ser admitida como fator basilar para a prática educativa progressista. A educação deve partir do conhecimento próprio, tanto do indivíduo, como do meio social em que ele está inserido. As experiências históricas, políticas e sociais das forças que obstaculizam não podem ser vistas separadamente. A cultura popular tem o poder de revelar quem somos e qual a percepção de mundo que a sociedade da qual fazemos parte tem. A educação não pode estar à parte da cultura que a permeia.

Lopes *et al* (2008, p. 189) ao discutir a docência em Ciências Contábeis à luz das orientações produtivas em Erich Fromm afirma que a prática docente não pode ocorrer dissociada de temas como liberdade, criatividade e relacionamento interpessoal. Os autores citam a criatividade como uma prática biófila, pois estimula a construção do conhecimento a partir de *inputs* contingenciais visíveis e sensíveis que estimularão a participação dos discentes em sala de aula. A discussão de conteúdos técnicos e teóricos associados às circunstâncias cotidianas é meio para deflagração de uma fonte de riqueza do saber, que se confirmará através do prazer de saber. Nesse contexto identifica-se a literatura de cordel como uma expressão social e cultural capaz de gerar discussão crítica e conhecimento em sala de aula.

2.4 O Cordel como Legítimo Representante do Imaginário

Monique Augras (1982) declara: “vale dizer: a criação poética somente é possível porque a apropriação do mundo através da linguagem já constitui essencialmente uma atividade de apreensão, reconhecimento significativo e testemunho”. Pode-se entender que, dessa maneira, fica evidenciada uma ligação entre a poesia e o cotidiano.

Os Autores Ana Cristina e Hélder Pinheiro (2001), explicam que no Brasil o Cordel aparece na literatura como sinônimo de poesia popular em prosa e verso. Dessa maneira, as histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais nacionais e mundiais além das célebres disputas entre cantadores formariam o conjunto de narrativas em verso que se convencionou chamar de literatura de cordel.

Uma das mais fortes expressões da cultura popular do Nordeste, a literatura de folhetos ou de Cordel como é atualmente conhecida, é dotada de uma riqueza literária que contempla ritmos, bom humor, espírito crítico, uma infinidade de temas, posições ideológicas, fantasias poéticas tudo isso com o sotaque cultural do sertanejo, do homem do povo que muitas vezes iletrado mas não desprovido de visão de mundo, expõe as suas imagens e símbolos representativos do seu cotidiano.

Sobre a origem da expressão: “literatura de cordel” ensinam Ana Cristina e Hélder Pinheiro (2001):

foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, numa aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal, eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos a baixos preços, pendurados em barbantes.

Encontra-se no final do século XIX e início do século XX o momento de expansão da literatura de folhetos aqui no Brasil, coincidindo com a abolição da escravatura e inserção daqueles novos homens livres, porém indoutos, no universo literário. O formato do texto com suas sextilhas ou setilhas ritmadas era a materialização das estórias contadas geração após geração nos sítios, engenhos, mercados públicos. Não que a produção dos textos pretendesse alcançar a academia, na verdade as estórias buscavam entreter, trazendo à tona a expressão dos anseios, valores das pessoas do povo de uma forma lúdica atraindo pessoas de todas as faixas etárias como nos revela Helder Pinheiro (2008):

Cantadores de viola, emboladores de coco, vendedores de folhetos, e, sobretudo, gente simples, pobre e analfabeta que recitava com emoção narrativas sobre Lampião, João Grilo, Pedro Malasartes e, nalguns casos, versos obscenos que curiosamente decorávamos quase que da primeira vez que ouvíamos. O universo era eminentemente rural e os encontros noturnos para debulhar feijão, contar estórias, lamentar o inverno que não chega ou falar da lavoura era propício a este tipo de experiência.

Talvez pela origem humilde, essa literatura tenha sido desprezada pela academia durante muito tempo. Atualmente, estudos já encontram aplicabilidade da literatura de Cordel à sala de aula. Novamente recorre-se ao ensino de Helder Pinheiro (2008): “nos anos de escola toda esta vivência foi cruelmente apagada. Sequer se cogitava que aquela rica experiência poderia ser considerada literatura de valor para ser levada à sala de aula. Mas os tempos mudam e em muitos aspectos, se tornam mais democráticos”.

A mais recente fronteira superada pelo Cordel foi a grande rede mundial de computadores, Internet, que já reserva espaço até para os famosos desafios, agora virtuais, através de sites e blogs, conforme afirma Fonseca (2008):

Poucas coisas representam tão bem a cultura popular nordestina como o cantador e os versos da literatura de cordel. Tradicionalmente impresso nos pequenos livrinhos, este tipo de poesia se aproveitou da modernidade e hoje também tem a internet como meio de divulgação. Sites, blogs e comunidades no Orkut servem de palco para a difusão da arte e contato e desafios entre cordelistas(...) “A primeira pejeja virtual foi através de correio eletrônico, no ano de 1997” (...) A organização do cordel na internet é tanta que é realizado desde 2006 a partir da comunidade “A Arena Virtual”, um concurso anual de poesias de cordel batizado de “Festiverso Virtual”.

Percebe-se que a literatura de cordel é terreno apropriado para se garimpar pistas sobre as ideias presentes no imaginário popular, que se constroi a partir da percepção das pessoas, do coletivo. É portanto no imaginário das pessoas que este presente estudo pretende acampar. A busca é de tentar identificar através da arte dos cordéis a expressão espontânea e pura da visão popular sobre a Contabilidade. Não será o escopo desta pesquisa a simples mensuração quantitativa nas frases e sextilhas das peças literárias. De fato o que se almeja é capturar as palavras e frases que mostrem como são encarados os fatos e atos contábeis, bem como é percebida a atuação dos diversos profissionais que no dia a dia de suas atribuições se utilizam da Contabilidade.

3. METODOLOGIA

O estudo é de natureza teórica-empírica e tem por objetivo investigar e evidenciar como o imaginário popular revela sua percepção sobre a Contabilidade através da literatura de cordel. Quanto aos fins é classificada como: exploratória, descritiva e dedutiva. Exploratória porque, embora já existam diversos estudos sobre a aplicação da literatura de cordel em sala de aula, não foi identificada a evidência de pesquisas que abordem suas aplicações na docência de Ciências Contábeis, bem como sobre a percepção que o imaginário popular apresenta sobre Contabilidade através desse tipo específico de literatura. Descritiva porque visa exatamente descrever qual a percepção do imaginário popular sobre Contabilidade e profissões oriundas das atividades vinculadas a essa ciência.

Para fundamentação teórica foi realizada pesquisa, compreendendo consulta a livros, artigos publicados em revistas e eventos especializados e disponíveis na *internet*, além de jornais e consultas a sítios.

A base de dados está presente no *site* da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), haja vista que lá são publicados, periodicamente, novos folhetos e estes estão à livre disposição do público interessado. O fato de decidir utilizar apenas as publicações presentes no *site* limita a pesquisa na medida em que não observa os folhetos não publicados no referido sítio. Foram analisados todos os 42 (quarenta e dois) cordéis disponíveis no mês de junho de 2008, cuja relação encontra-se no Apêndice 1.

Para análise dos dados realizou-se processo comparativo entre os termos presentes na literatura pesquisada e os definidos na obra Dicionário de Termos de Contabilidade dos Professores Iudícibus, Marion e Pereira (2003). Foram definidos dois momentos para análise: o primeiro em que a busca se

concentrou puramente na ocorrência de termos presentes na obra supracitada e no segundo momento, procurou-se identificar os contextos dentro dos cordéis que trouxessem algum entendimento popular tanto sobre a ciência, quanto à profissão contábil em suas diversas especialidades (ex: auditoria, perícia, fiscalização contábil-tributária, escrituração, análises, docência e consultoria).

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante a leitura dos cordéis buscou-se identificar, em um primeiro momento, o significado específico dos termos contábeis encontrados nos cordéis. Cada cordel onde ao menos um termo contábil foi identificado teve registro “Sim” para a ocorrência no quadro exposto no Apêndice 1. As ocorrências indicaram que 59,52% das obras lidas tinham pelo menos um termo com definição na obra de Iudícibus, Marion e Pereira (2003). Como por exemplo: Custo, moeda, contratos comerciais, riqueza, valor, registrar, escribas, bens, balanço (no sentido de demonstração de riqueza), fábrica, banco, depósitos, empréstimo, mercadorias, dentre outros. A ocorrência do mesmo termo diversas vezes em um mesmo cordel não teve impacto sobre a análise, pois a mesma considerou apenas se havia, ou não, a ocorrência daqueles. Por outro lado, para cordéis que apresentaram ocorrência de diversas terminologias, a análise não contemplou a quantidade, apenas a qualidade. A utilização dos cordéis para apresentar tais conceitos pode facilitar o processo de aprendizagem a partir do momento em que é utilizada uma linguagem comum ao vocabulário popular, além de que a forma de expressão de idéias da literatura de cordel pode facilitar o processo de comunicação. Vê-se que tal abordagem pode ser utilizada em disciplinas como: Contabilidade Introdutória, Contabilidade de Custos, História do Pensamento Contábil e Teoria da Contabilidade.

No segundo momento buscou-se uma visão mais abrangente da ocorrência não apenas de termos, mas de situações que pudessem remeter às Ciências Contábeis ou às profissões correlatas a elas. A idéia de se fazer essa análise é buscar entender como o imaginário popular vê o impacto social em áreas ou serviços que tratam dos controles de patrimônio, tesouro, financeiro, econômico e até mesmo do conflito distributivo.

Seguindo esse raciocínio foram efetuados recortes do texto de Zé Vicente, intitulado “Greve dos Bichos”:

O rato foi nomeado
Para chefe aduaneiro
Fazendo muita “muamba”
Ganhando muito dinheiro

A cultura econômica e político-comportamental na qual o Brasil foi formado, e que é personalizada na expressão “jeitinho brasileiro”, é refletida nesse verso. A idéia de que os profissionais responsáveis pelo controle alfandegário conseguem acumular riqueza através do comércio ilegal de mercadorias, através do poder que lhes foi concedido pela autoridade pública para controlar os produtos que entram ou saem, fiscalizar tributos, além de outros descontroles que impactam a coisa pública, impera na percepção do imaginário popular nesse momento. Não apenas o entendimento, mas o sentimento do escritor também fica claro no momento em que ele compara o chefe aduaneiro a um rato. A figura do rato é sempre associada a alguém de caminhos obscuros e que opera sob oculto, ou seja, o autor demonstra que para si as pessoas que trabalham no controle alfandegário não são honestas. Mais à frente ele ainda continua:

Carrapato era fiscal
Preguiçoso e muito feio
Onde havia uma tramóia
Estava sempre no meio
Engordando doidamente
À custa do sangue alheio

A imagem que a sociedade tem da função de um fiscal de tributos é evidenciada, inicialmente, na analogia que o autor faz entre o profissional e o carrapato que é um parasita que sobrevive do sangue de seu hospedeiro. A percepção do fiscal como uma pessoa que “engorda doidamente” advém da visão de que todo fiscal é corrupto e que para não autuar as empresas sempre aceitam subornos de forma a “ajudar” tais entidades a não serem penalizadas através de multas. O texto também permite identificar o fiscal como uma pessoa intimidadora e que não gosta de trabalhar, vê-se agora o conceito de que este profissional, como qualquer outro funcionário público, trabalha pouco e não se importa com as necessidades e anseios do outro.

Outro autor que também traz abordagens sobre conceitos e técnicas contábeis é Leandro Gomes de Barros, em sua obra “A Vida de Pedro Cem”. Para descrever o personagem pode-se identificar, dentre outros, o seguinte recorte:

Em prédios, dinheiro e bens
Era o mais rico que havia
Nunca deveu a ninguém
Todo mundo lhe devia
Balanço em sua fortuna
Querendo dar não podia

O autor faz nesse recorte, inicialmente, uma abordagem sobre mensuração do patrimônio. Foi narrado que Pedro Cem era um homem de muitas posses, e que conseguiu acumular muita riqueza. Considerando que a Contabilidade tem como fim social o arbitramento do conflito distributivo, o autor demonstra sua visão que o personagem possuía tal patrimônio que nem mesmo em um Balanço Patrimonial tais posses poderiam ser evidenciadas. Outra abordagem que o autor faz é sobre o conceito de Passivo. Em seu texto, Gomes de Barros afirma que Pedro Cem “nunca deveu a ninguém, todo mundo lhe devia”, ou seja, são obrigações futuras que terceiros tinham para com ele. Hendriksen e Van Breda (1999) conceituam Passivos como “sacrifícios futuros prováveis, oriundos de transações e eventos passados”.

Mais a frente, o autor narra o momento em que Pedro Cem perde todos seus bens e o momento em que constatou o fato:

Dando balanço nos bens
Quis até desesperar
Tudo quanto possuía
Não dava para pagar
Nem pela décima parte
Os prejuízos do mar.

O autor fala que no momento em foi feita a apuração patrimonial dos bens do personagem, foi evidenciado que tudo o que lhe restou não poderia pagar os prejuízos calculados. Nesse momento, em sala de aula, o professor pode fazer uma abordagem mais ampla sobre as demonstrações contábeis, buscando discutir com os discentes a função de cada uma delas, bem como qual informação pode-se extrair ao analisando-as separadamente e em conjunto. Outra abordagem que pode ser desenvolvida é a definição de prejuízo. Iudícibus, Marion e Pereira (2003, p. 180) definem prejuízo como a situação em que as despesas ultrapassam as receitas. Discussões sobre o que vem a ser *déficit*, *superávit*, prejuízo e receita podem ser comparados e discutidos nesse momento.

O mesmo autor, em seu texto intitulado “O Imposto de Honra” traz uma abordagem sobre o sistema tributário nacional. A percepção do imaginário popular, durante todo o cordel, é demonstrada através de um entendimento da mecânica de tributação onde o fisco é defraudador e o faz através da elevada carga tributária. Parte dessa análise realiza-se nos seguintes recortes:

O velho mundo vai mal.
E o governo danado
Cobrando imposto de honra
Sem haver ninguém honrado.
E como se paga imposto
Do que não tem no mercado?
(...)
Agora se querem ver
O cofre público estufado
E ver no Rio de Janeiro
O dinheiro armazenado?
Mande que o governo cobre
Imposto de desonrado.

A idéia de que o governo obtém grandes resultados através de elevadas taxas de arrecadações em detrimento de uma política de melhor utilização da coisa pública é verificada nessas sextilhas. Ao iniciar o cordel falando do mercado europeu, “O Velho Mundo”, o autor intenta provocar uma discussão entre a relação da dívida externa do Brasil com sua percepção de alta carga tributária imposta à população.

A análise das sextilhas abre, inicialmente, oportunidade à abordagens específicas às áreas de atuação da profissão contábil. Percepções sobre a atuação do fiscal, ou do governo, até mesmo do papel do contador através da Contabilidade financeira podem ser abordados. As disciplinas em que serão utilizadas são diversas (como por exemplo: Perícia Contábil, Auditoria Contábil, Contabilidade Tributária, Contabilidade Governamental), mas como é comum se discutir as áreas de atuação do contador já em Contabilidade Introdutória (não apenas nos cursos de Ciências Contábeis), vê-se que a utilização da literatura de cordel pode ser desenvolvida em diversos momentos do curso de graduação. A formação e perfil do profissional contabilista têm sido discutidos, nos últimos anos, por diversos órgãos que já reconhecem a contribuição que a Contabilidade pode dar à sociedade, bem como os impactos de seu mau uso, como exemplo: Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Mundial do Comércio (OMC), Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Conselho Federal de Contabilidade (CFC), todos motivados pelas crises e escândalos financeiros vivenciados na última década.

Sem querer limitar à discussão do perfil do contador, o cordel pode ser utilizado para estimular o interesse dos discentes em tópicos específicos de ensino. Na obra “A Vida de Pedro Cem”, a discussão de não se poder medir uma riqueza através do balanço, pode servir tanto em Teoria da Contabilidade na discussão de métodos de avaliação de ativos e passivos, como sobre Ativos Intangíveis. Nessa mesma linha de raciocínio, pode-se aplicar o texto na discussão de indicadores de análises empresariais como o *Market Value Added (MVA[®])*.

Outra possibilidade identificada é utilizar-se da percepção de corrupção de agentes aduaneiros para discussão da aplicação de controles internos na administração pública. O CFC, em consonância com o que já previa a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), promulgou recentemente a Norma Brasileira de Contabilidade – Técnica 16, que trata dentre outros assuntos, da obrigatoriedade do desenvolvimento de tal atividade.

5. CONCLUSÕES

A docência, conforme foi discutido deve estar atenta ao ambiente no qual a sociedade local se desenvolve. Incluir o estudante, criar um ambiente onde o conhecimento possa ser construído e desenvolvido, desenvolver a capacidade de discussão crítica nos discentes e trazer para dentro da sala de aula a cultura e costumes locais e contextualizá-los ao saber técnico da ciência estudada é papel do

educador, como agente social responsável pela formação de pessoas que se tornarão agentes de mudança na sociedade.

A motivação dos educandos advém de diversos fatores, mas principalmente do ambiente gerado em sala de aula. A possibilidade de se interagir com seus pares e educadores possibilitará o desenvolvimento de habilidades interpessoais, assimilação do conteúdo, capacidade de raciocínio além da satisfação e participar do processo educacional. A inclusão do outro é condição preponderante para se fundamentar a aprendizagem.

Lopes et al (2008, p. 153) afirmam que os saberes que servem de base para o ensino, tais como são vistos pelos professores, abrangem uma diversidade de experiências, conhecimentos e problemas que devem ser relacionados e contextualizados em sala de aula.

A ausência de titulação, ou de conhecimento técnico específico em determinada área não implica em uma incapacidade de se perceber, comentar e analisar fatos. Dessa forma pode-se estudar Contabilidade em sala de aula por diversos meios onde o imaginário popular se pronuncia sobre a temática em questão. James (2007) mostra em seu relato, que a utilização de um enfoque crítico e pós-moderno na docência da graduação de Ciências Contábeis, onde ele desenvolveu uma discussão sobre Contabilidade a partir de músicas de bandas de rock contemporâneas, possibilitou desenvolver nos educandos o conhecimento contábil através da percepção do cotidiano. A surpresa desenvolvida pelo pesquisador “abriu a guarda” de seus alunos e permitiu se desenvolver uma discussão, não livre, mas menos afetada por preconceitos.

Nesse sentido de se desenvolver o conhecimento em uma ambiente biófilo, ou seja, que valorize a vida através da inclusão das pessoas no processo de aprendizagem e do relacionamento da ciência com a cultura, é que se foi proposto uma abordagem crítica através de textos da literatura de cordel. As percepções do imaginário popular sobre técnicas, conceitos, profissões e temas afins à área contábil estão presentes em diversos textos e podem auxiliar o docente no desenvolvimento não apenas de um ambiente, mas de todo o processo formacional educador social que capacitará os educandos a entenderem o meio em que vivem e se comportarem de diferentes maneiras em diferentes momentos de suas vidas.

5.1 Recomendações para pesquisas futuras

De modo a ampliar o estudo em tela procurou-se identificar recomendações que possibilitassem novas pesquisas.

A pesquisa limitou-se aos cordéis disponíveis no sítio da ABLC, que, contudo, não contém todas as obras disponíveis. Grande parte da literatura de cordel nem mesmo está em formato digital, de forma que pode-se pesquisar fontes diferentes para verificação da percepção do imaginário. Ressalta-se ainda que como a Academia é sediada no estado do Rio de Janeiro, as obras de autores de outras regiões podem apresentar percepções diferentes, e a própria internet possui obras não listadas no referido sítio, bem como pode-se ainda utilizar obras impressas no intuito de identificar outros temas, ou outras abordagens aos mesmo temas que possam contribuir no ensino da Contabilidade.

O estudo através de músicas ou filmes contemporâneos, assim como James (2007) realizou através dos textos e contextos de músicas contemporâneas e populares em sua região, como as da banda Offspring, o que revela a possibilidade de se estudar a percepção do imaginário popular através das músicas, que não estejam, necessariamente, tratando de Contabilidade. Outra hipótese é a de desenvolver investigação semelhante em filmes que apresentam personagens contabilistas, ou ações decorrentes dos trabalhos destes, como exemplo pode-se citar: “Hitch – Conselheiro Amoroso”; “Os Intocáveis”; “O Poderoso Chefão”; “Meus Caros Amigos”; “A Lista de Schindler”, dentre outros.

6. REFERÊNCIAS

- ABLC (Brasil). **Academia Brasileira de Literatura de Cordel**. Disponível em: <www.ablc.com.br>. Acesso em: 10 maio 2008.
- AUGRAS, Monique. **O imaginário e o cotidiano**. Ci. & Tróp., Recife: Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, jan/jun.1982.
- CABELLO, Otávio Gomes; *et al.* **Contador: Formação e Atuação Profissional**. In: II SEMINÁRIO USP DE CONTABILIDADE, 2002, São Paulo. Anais do II Seminário USP de Contabilidade, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- IUDÍCIBUS, Sérgio; MARION, José Carlos; PEREIRA, Elias. **Dicionário de termos de Contabilidade**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- FONSECA, Tércio. **O cordel na net**. Folha de Pernambuco. Caderno de Informática. p. 3. Recife: 04 de junho de 2008.
- HENDRIKSEN, Eldon S.; VAN BREDA, Michael. **Teoria da Contabilidade**. 1 ed. 6 t. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. CD-ROM
- IUDÍCIBUS, Sérgio; MARION, José Carlos; PEREIRA, Elias. **Dicionário de termos de Contabilidade**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- JAMES, Kieran. **A critical theory and postmodernist approach to the teaching of accounting theory**. Critical Perspectives on Accounting. v 18. 2007. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/journal/10452354> acesso em: 13/04/2008.
- LEHMAN, Mark W.; HERRING, Clyde E. **Creating interactive spreadsheets to provide immediate feedback**. Journal of Accounting Education. Ed 21. pp. 327-337. Disponível em http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_cdi=5980&_pubType=J&_acct=C000037678&_version=1&_urlVersion=0&_userid=686475&md5=767356f23a9a1444def4fcc542bed34&jchunk=21#21 acesso em: 20/05/2008.
- LAPLANTINE, François.; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. Coleção Primeiros Passos. Brasília: Brasiliense, 1997.
- LOPES, Jorge et al. **Educação contábil: tópicos de ensino e pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MULATINHO, Caio E. S. **Educação contábil: um estudo comparativo das grades curriculares e da percepção dos docentes dos cursos de graduação das universidades federais da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, referentes ao programa mundial de estudos em contabilidade proposto pelo ISAR/UNCTAD/ONU**. 2007. Dissertação (Mestrado) Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós Graduação em Ciências Contábeis. (UnB/UFPE/UFPB/UFRN). Recife: 2007.
- PELEIAS, Ivan. R.; SILVA, *et al.* **Evolução do ensino da Contabilidade no Brasil: uma análise histórica**. Revista Contabilidade & Finanças, v. 18, p. 19-32, 2007.
- PEREIRA, Dimitri M. *et al.* **A formação e a qualificação do contador face ao programa mundial de estudos em contabilidade proposto pelo ISAR: Uma abordagem no processo ensino-aprendizagem**. In: 2º Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 2005, São Paulo / SP. Anais do 2º Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 2005.
- PINHEIRO; Helder. **Tesouros da poesia popular para crianças e jovens**. GT da Literatura Oral e Popular da ANPOLL. n 5. pp. 34 - 45. jan-jul de 2008.
- PINHEIRO, Helder e MARINHO LÚCIO, Ana Cristina. **Cordel na sala de aula**. Coleção Literatura e Ensino. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- SÁ, Antonio Lopes de. **História Geral e das Doutrinas da Contabilidade**. 1ª edição 5ª tiragem. São Paulo: Atlas, 1997.

SMITH, J. van der Laan; SPINDLE, R.M. **The impact of group formation in a cooperative learning environment.**
Journal of Accounting Education. Ed 25. pp. 153-167. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science/journal/07485751> acesso em: 20/05/2008.

APÊNDICE A – Relação de Cordéis Pesquisados e Ocorrência de Termos Contábeis

Item	Cordel	Autor	Ocorrência
1	A mulher que deu tabaco na presença do marido	Gonçalo Ferreira da Silva	Não
2	Camisinhas para todos	José João dos Santos	Não
3	Ai! Se sêsse!...	Zé da Luz	Não
4	Peleja de Pinto com Milanês	Severino Milanês da Silva	Não
5	Discussão do Carioca com o Pau-de-Arara	Apolônio Alves dos Santos	Não
6	Labareda - O Capador de Covardes	Gonçalo Ferreira da Silva	Sim
7	Cordel para Pixinguinha	Gustavo Dourado	Sim
8	O Cavalo que Defecava Dinheiro	Leandro Gomes de Barros	Sim
9	História das Sete Cidades da Serra da Ibiapaba-Ce	Apolônio Alves dos Santos	Sim
10	O ABC do jogo do bicho e suas revelações	Apolônio Alves dos Santos	Sim
11	História da Rainha Esther	Arievaldo Viana	Sim
12	A vida de Pedro Cem	Leandro Gomes de Barros	Sim
13	Saudação ao Juazeiro do Norte	Patativa do Assaré	Não
14	História do Boi Leitão ou O Vaqueiro que não mentia	Francisco Firmino de Paula	Sim
15	Mal assombrada peleja de	Francisco Sales Arêda	Não
16	O Sabido sem Estudo	Manuel Camilo dos Santos	Sim
17	Brasi Caboco	Zé da Luz	Não
18	AS FLÔ DE PUXINANÃ	Napoleão menezes	Não
19	O Imposto de Honra	Leandro Gomes de Barros	Sim
20	A Morte de Chico Mendes Deixou Triste a Natureza	Manoel Santamaria	Sim
21	E Tudo Vem a Ser Nada	Silvino Pirauá	Sim
22	A Véia Debaixo da Cama e a Perna Cabeluda	José Costa Leite	Sim
23	A opinião dos romeiros sobre a canonização do	Expedito Sebastião da Silva	Não
24	Coco Verde e Melancia	José Camelo de Melo Resende	Sim
25	A Greve dos Bichos	Zé Vicente	Sim
26	A Vinda da Besta Fera	José Costa Leite	Não
27	Necrológio de Francisco Romão	Silvino Pirauá de Lima	Não
28	Nos Caminhos da Educação	Moreira de Acopiara	Não
29	Um Bairro Chamado Lagoa do Mato	Antonio Francisco	Sim
30	Manual da Copa de 2006	J. Victtor	Não
31	Lampião, o Capitão do Cangaço	Gonçalo Ferreira da Silva	Sim
32	Lenda do Caipora	Gonçalo Ferreira da Silva	Não
33	As Palhaçadas de Biu	Manoel Camilo dos Santos	Sim
34	Quilombolas. A Revolta dos Escravos.	J. Victtor	Sim
35	História de José do Egito	João Martins de Athayde	Sim
36	A Peleja do Cérebro com o Coração	Marcus Lucenna	Não
37	A Chegada de Lampião no Inferno	José Pachêco	Sim
38	Cem Anos de Xilografura na Literatura de Cordel	Arievaldo Viana e Marco	Sim
39	A Seca do Ceará	Leandro Gomes de Barros	Sim
40	A Chegada do Diabo no Bordel do Big Brother	Marcus Haurélio	Não
41	Antonio Silvino, o Rei dos Cangaceiros	Leandro Gomes de Barros	Sim
42	Um Mosquito, o Descaso e a Dengue	J. Victtor	Sim